

Sob Nova Direção (6:15-23)

A maioria de nós já viu uma faixa pendurada na entrada de um estabelecimento comercial com os dizeres: “Sob Nova Direção”. Esses dizeres nos informam que aquele estabelecimento possui um novo dono, e dizem mais. Geralmente o aviso é exibido para que clientes em potencial saibam que podem esperar *mais* daquele estabelecimento, incluindo melhores produtos e serviços. Em Romanos 6:15-23 Paulo, efetivamente, pregou uma faixa em nossas vidas com esse mesmo aviso: “Sob nova direção!” No passado, nossas vidas eram “dirigidas” pelo pecado e por Satanás, mas fomos “comprados por preço” (1 Coríntios 6:20); estamos agora “sob a direção divina”. Esse fato deve impactar nossas vidas. Deus espera mais de nós, e o mundo pode esperar mais de nós, porque estamos agora “sob nova direção”.

O texto da última lição (“Como viver uma Nova Vida em Cristo”) terminou com estas palavras: “... não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Romanos 6:14). Sugerimos que isto significa que não estamos sob um “sistema legal”, mas sob “o sistema da graça”. Num sistema legal a salvação decorre de se observar a lei *com perfeição*, enquanto no sistema da graça, a salvação é um presente de Deus.

Paulo usou estas palavras em antecipação a uma objeção: “E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei¹, e sim da graça?” (v. 15a). Evidentemente, algumas pessoas haviam chegado a essa conclusão. Pensavam que, se não estamos de-

baixo de um sistema legal, estamos livres da obrigação de guardar qualquer lei. Viviam como se fossem livres para fazer o que quisessem, incluindo viver em pecado. A resposta de Paulo a tal sugestão foi um estridente: “De modo nenhum!” (v. 15b). Ele fez uma pergunta semelhante antes, no versículo 1, dando a mesma resposta (v. 2a).

Alguns escritores pensam que as perguntas a respeito do pecado nos versículos 1 e 15 variam levemente². No versículo 1, Paulo perguntou: “*Permaneceremos no pecado...?*”, enquanto no versículo 15 ele disse: “*Havemos de pecar...?*” (*grifo meu*). Alguns acreditam que no versículo 1 Paulo estava perguntando: “*Continuaremos vivendo um estilo de vida pecaminoso?*”, e no versículo 15: “*Está certo pecar ocasionalmente?*” Independentemente dessa distinção, Paulo queria que os cristãos soubessem que pecado e pecar são incompatíveis com o estilo de vida cristão. F. F. Bruce disse: “Fazer do estar ‘debaixo da graça’ uma desculpa para pecar é sinal de que aquele que a usa não está realmente ‘debaixo da graça’”³.

Em Romanos 6 e 7, Paulo forneceu uma série de motivos para o cristão não pecar. O motivo apresentado em 6:1-14 é o fato de termos morrido para o pecado (v. 2), quando fomos batizados na morte de Cristo (v. 3). Quando morremos para o pecado, isto nos liberta da escravidão do pecado (vv. 7, 9, 14). No texto desta lição (6:15-23), Paulo retomou e

¹Algumas traduções optaram pelo uso de letra maiúscula (Lei) e outras, pelo artigo definido (a lei) indicando que o termo se refere à lei de Moisés. A lei de Moisés, sem dúvida, estava na mente de Paulo ao elaborar essa exposição (veja 7:7), mas, no texto original, não há artigo definido antes da palavra grega para “lei”, de modo que a aplicação é muito mais ampla do que apenas a lei de Moisés.

²James Burton Coffman, *Commentary on Romans*. Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1973, p. 238; Richard Rogers, *Paid in Full: A Commentary on Romans*. Lubbock, Tex.: Sunset Institute Press, 2002, p. 92; Jim McGuigan, *The Book of Romans*, Looking Into The Bible Series. Lubbock, Tex.: Montex Publishing Co., 1982, p. 202.

³F. F. Bruce, *Romanos — Introdução e Comentário*. Trad. Odayr Olivetti. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Vida Nova e Ed. Mundo Cristão, 1983, p. 115.

expandiu sua analogia da escravidão. O argumento básico do apóstolo foi que não devemos servir o pecado porque já não somos escravos do *pecado*, mas somos agora escravos de *Deus*. Estamos “sob nova direção”.

UMA CONCLUSÃO APROVADA

(6:16)

Paulo começou questionando: “Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos⁴...?” (v. 16). Os cidadãos do primeiro século estavam intimamente familiarizados com a escravidão. Uma elevada porcentagem da população de Roma e do Império Romano compunha-se de escravos. Muitos, talvez a maioria, dos leitores de Paulo eram livres legal e politicamente; mas ele queria que aqueles cristãos soubessem que, espiritualmente, todo ser humano é escravo de alguma coisa. Toda pessoa *obedece* a alguma coisa — mesmo que seja apenas a seus próprios caprichos e desejos. Nisto, todos são escravos de alguma coisa.

Paulo prosseguiu: “...seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça” (v. 16). Por fim, a escolha que um indivíduo faz em relação à servidão limita-se a duas opções: ele pode ceder a suas paixões e ser escravo do pecado, ou pode obedecer a Deus (v. 17) e aceitar Jesus Cristo como seu Senhor.

Alguns podem contestar: “Eu não sou escravo de *ninguém*! Sou uma pessoa *livre*!” Quando os judeus fizeram essa declaração (João 8:33), Jesus lhes disse: “...todo o que comete pecado é escravo do pecado” (v. 34). Muitos que vivem impiamente não têm consciência de quanto estão escravizados. É como certo desenho de um rato pego numa ratoeira. O rato diz: “Eu tenho uma armadilha!”, enquanto a ratoeira diz: “Não, eu tenho um rato”. Na ratoeira está escrito “pecado” e no rato, “pecador”.

Você com certeza *será* um escravo; a questão é *de quem*. Segundo o versículo 16, se você for escravo do pecado, será amaldiçoado com “morte” — morte espiritual. Se servir a Deus, será abençoado com “justiça” — ser justificado perante o Senhor.

O pecado ou Deus — serviremos a um ou a outro; não podemos servir a ambos. Jesus disse: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Mateus 6:24a). Hoje, alguns têm mais do que um emprego e, por isso, servem vários “senhores” (patrões), mas não

⁴Devido à conotação negativa da palavra “escravos” várias traduções optaram por “servos”; mas, no texto grego, a palavra é o plural de *doulos*, que significa “escravo”.

existia essa opção para um escravo daquela época. Tudo que o escravo tinha — incluindo seu tempo — pertencia ao seu dono. Em outras palavras, não podemos ser escravos do pecado que leva à morte e, ao mesmo tempo, escravos da obediência que leva à justiça.

UM COMPROMISSO ANTERIOR

(6:17, 18)

Paulo migrou do princípio geral estabelecido no versículo 16 para a situação específica de seus leitores, falando do compromisso anterior que eles tinham:

Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça (vv. 17, 18).

No passado, tinham sido “escravos do pecado”, mas escolheram mudar de sujeição e obedeceram ao Senhor. “Obedecer” vem de uma palavra composta, *hupakoe*, que significa literalmente “ouvir” (*akouo*) “debaixo de” (*hupo*)⁵. Refere-se a uma *resposta* positiva ao que se ouve (veja Tiago 1:22). Na Bíblia a palavra quase sempre “implica decisão religiosa”⁶.

Aqueles que ensinam a “salvação pela fé somente” sentem-se desconfortáveis com a ênfase paulina na obediência proposta nesses versículos, especialmente pelo fato de que a obediência está posicionada antes da libertação do pecado (vv. 17, 18). Todavia, as palavras de Paulo aqui são coerentes com seu objetivo de produzir “a obediência por fé” entre todos os homens (1:5; veja 16:26). Douglas J. Moo escreveu: “Paulo obviamente quer inculcar a importância da obediência”⁷.

“A Forma de Doutrina”

Os leitores de Paulo haviam obedecido “de coração à *forma* de doutrina que a que [foram] entregues” (6:17b; *grifo meu*). A palavra grega traduzida

⁵W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 7a. ed., 2007, p. 826.

⁶Gerhard Kittel, “*hupakoe*” em Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich, trad. Geoffrey W. Bromiley, abr. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 35 (*grifo meu*).

⁷Douglas J. Moo, *Romans*, The NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 2000, p. 210.

por “forma” é *tupos*, “tipo”⁸. *Tupos* pode se referir a “forma, figura, [ou] modelo”. Em Romanos 6:17, significa um “modelo de doutrina”⁹. Isto indica que, logo na década de 50 d.C., já havia um modelo coeso de doutrina nas igrejas do Senhor.

Escritores especulam que “modelo de doutrina” Paulo tinha em mente, mas em outras passagens Paulo disse claramente qual era o núcleo da mensagem que ele e outros evangelistas inspirados pregavam. Ele disse aos cristãos de Corinto: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Coríntios 2:2). E também: “Antes de tudo, vos entreguei¹⁰ o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3, 4). Concordamos com os comentaristas que escreveram: “A forma de doutrina... confiada aos crentes de Roma era a boa nova de que Jesus morreu por seus pecados e ressuscitou para dar-lhes nova vida”¹¹.

O tema da morte, sepultamento e ressurreição de Cristo foi central para o ensino de Paulo sobre o batismo na primeira parte de Romanos 6. Logo depois do versículo 4, muitos comentaristas preferiram ignorar o tema do batismo; porém, como observou William Barclay, a passagem em questão surgiu “de uma exposição do batismo”¹². Os leitores de Paulo haviam sido batizados, obedeciam à “forma de doutrina” ou modelo das “boas novas”. Eles haviam sido batizados na morte de Cristo, sendo *sepultados* com Ele nas águas do batismo e *ressuscitados* para andar em novidade de vida. James Macknight traduziu *tupos* como “molde”, “no qual os romanos foram colocados através do batismo”, a fim de que fossem “remodelados”¹³.

⁸Veja a exposição sobre “tipo” e “antítipo” na lição “Os Dois ‘Adões’ [5:12–21]”, na edição anterior.

⁹Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2ª. ed., rev. William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p. 837.

¹⁰Convém observar que a palavra “entreguei” em 1 Coríntios 15:3 é, no original, a mesma traduzida por “entregues” em Romanos 6:17.

¹¹Bruce Barton, David Veerman e Neil Wilson, *Romans, Life Application Bible Commentary*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1992, p. 125.

¹²William Barclay, *The Letter to the Romans*, ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 89.

¹³James Macknight, *A New Literal Translation, from the Original Greek of All the Apostolical Epistles with a Commentary and Notes*. S.c.p.: s.p.; reimpresso, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1984, p. 87.

Há que se dizer alguma coisa sobre a expressão “doutrina a que fostes entregues” (v. 17). “Entregues” vem do grego *paradidomi*¹⁴. Como o verbo grego está na voz passiva, a maioria das traduções indica que os cristãos foram “entregues à Palavra”. James Edwards comentou: “A idéia principal é que a forma de doutrina não pertence a nós, mas nós pertencemos a ela”¹⁵. A NVI diz: “a forma de ensino que lhes foi transmitida”. A KJA diz: “a forma de ensino a que fostes submetidos”.

Os leitores de Paulo foram “libertados do pecado” (v. 18) no momento em que passaram a “obedecer de coração” (v. 17) — e não antes disso. A paráfrase de Phillips acrescenta “então” ao início do versículo 18 para enfatizar isso. A seqüência dos fatos no texto é a seguinte:

- “Escravos/servos do pecado” (v. 17a).
- “Obedecer de coração” (v. 17b).
- “Libertados do pecado” (v. 18a).
- “Escravos/servos da justiça” (v. 18b).

Há uma correlação entre isto e o que Paulo falou a respeito do batismo. Ele reforçou que somos “ressuscitados” das águas do batismo para “andar em novidade de vida” (v. 4), que “na semelhança da ressurreição [de Cristo]” (v. 5), e nosso “corpo do pecado” é “destruído” (v. 6). A seguir, ele usou a mesma terminologia do versículo 18: nesse momento, somos “libertos [justificados] do pecado” (v. 7).

Isto quer dizer que tudo o que temos de fazer para ser salvos é realizar um rito, passar por um ritual? “De modo nenhum!” As bênçãos alistadas por Paulo pertenciam aos cristãos em Roma porque eles passaram a “obedecer de coração [*kardia*]” (v. 17; *grifo meu*). “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua *pelo amor*” (Gálatas 5:6; *grifo meu*).

A Bíblia ensina que “o Senhor vê o coração” (1 Samuel 16:7; veja 16:1–13). Toda a Bíblia enfatiza a importância de se fazer a vontade de Deus *de coração* (veja Deuteronômio 10:12; 1 Samuel 12:20; Efésios 6:6). O Senhor não exige obediência *perfeita* (ninguém é capaz disso), mas Ele exige obediência de todo o coração, sem reservas.

Quando pecadores obedeciam de coração, eles eram “libertados do pecado” (v. 18a). As algemas do pecado eram quebradas e eles ficavam *livres*. Isto

¹⁴Vine, p. 599.

¹⁵James R. Edwards, *Romans*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1992, p. 173.

quer dizer que estavam livres de qualquer obrigação, livres para fazer o que quisessem sem respeito por Deus ou por outros seres humanos? Não! Paulo acrescentou: “e, uma vez libertados do pecado [vida incorreta], *fostes feitos servos da justiça* [vida correta]” (v. 18; *grifo meu*).

Recordemos o que Paulo dissera no versículo 16: “...daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos”. Tendo obedecido a Deus “de coração”, eram agora servos/escravos *de Deus*. Foi esse o compromisso que eles fizeram ao serem batizados.

UMA ESCOLHA ATUAL

(6:19, 20)

A esta altura do texto, Paulo fez uma pausa para explicar por que estava comparando o cristianismo com a escravidão ou servidão. O apóstolo sabia que a escravidão era repugnante e era a origem de muito sofrimento, por isso apressou-se em dizer: “Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne” (v. 19a). Em outras palavras: “Estou usando uma ilustração familiar a vocês, porque, de outra forma, poderiam não entender meu ensino”.

Por que Paulo *comparou* a vida cristã com a escravidão? Havia um enorme abismo entre o cristianismo e a escravidão comumente praticada: ser um escravo de Deus era uma decisão voluntária, e não obrigatória; e Deus *não* era um Senhor tirano. Conforme já observamos, Paulo usou a analogia da escravidão por ser conhecida aos seus leitores. Halford Luccock, porém, sugeriu mais um motivo: “A ‘escravidão’ é uma palavra forte. Mas escravidão a Deus é uma coisa forte. Nenhuma outra palavra pode retratar a sujeição indivisível que Cristo exige”¹⁶.

Obedecendo a Deus “de coração”, os leitores de Paulo haviam, efetivamente, firmado uma aliança total com o Senhor. Agora, Paulo os incentivava a viverem de conformidade com o compromisso que fizeram: “...Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação” (v. 19). No passado, como escravos do pecado, eles dedicaram seus corpos e tudo o que eram à “impureza [*akatharsia*]” e à “maldade [*anomia*]” (v. 19b). A dedicação ao pecado fora intensa; nunca satisfeitos, eles se afundaram cada vez mais no

pecado (v. 19c). Agora, dizia Paulo, aqueles que se tornaram escravos de Deus deveriam ter a mesma dedicação firme ao Senhor: “Oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça” (v. 19d).

Ler estas palavras de Paulo nos remete à “obsessão com que certas pessoas buscam fama, dinheiro ou poder”¹⁷. E pode ser contrastado com a maneira indiferente com que muitas pessoas se aproximam do cristianismo. “Sentem que o seu compromisso com o pecado é inabalável e indestrutível e o compromisso com a justiça, opcional e experimental” — mas a verdade é “exatamente o contrário”!¹⁸ Certo homem captou a essência do desafio de Paulo. Depois de entregar a vida ao Senhor, ele disse: “Quero ser um santo tão bom quanto eu era como pecador!”¹⁹

Quando dedicamos nossas vidas ao pecado, o resultado é “maldade que leva à maldade” (v. 19; NVI). Quando nos dedicamos à justiça, o resultado é “santificação [*hagiasmos*]” (v. 19e). Já comentamos sobre “santificação”, na lição “A Coluna Obituária de Deus”, na edição anterior. O termo também é traduzido por “santidade” e refere-se a ser “separado” por Deus — separado para viver uma vida santa, uma vida dedicada ou consagrada a Ele.

Nosso desafio é *nos conduzirmos* como pessoas que foram “separadas” por Deus. Paulo disse aos coríntios: “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade [“santificação”] no temor de Deus” (2 Coríntios 7:1). O escritor do Livro de Hebreus disse: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12:14). Alguém expressou isto nos seguintes termos: “O desafio cristão é *nos tornarmos* o que *somos*” (isto é, *santificados*).

Paulo, então, observou: “Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça” (Romanos 6:20). Enquanto escravizados ao pecado, não temos obrigação de servir a justiça, fazer o que é certo. O oposto também é verdadeiro: uma vez escravos de Deus, estamos livres em relação ao pecado, não mais obrigados a obedecer a seus ditames.

Nos versículos 19 e 20, Paulo incentivou os cristãos a *continuarem* a dedicar a vida ao Senhor.

¹⁷Moo, p. 211.

¹⁸D. Stuart Briscoe, *Mastering the New Testament: Romans*, The Communicator’s Commentary Series. Dallas: Word Publishing, 1982, p. 140.

¹⁹Citado em Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary*, vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 533.

¹⁶Halford F. Luccock, *Preaching Values in the Epistles of Paul*, vol. 1, *Romans and First Corinthians*. Nova York: Harper & Brothers, 1959, p. 43.

Alguns podem pensar que, por terem decidido obedecer ao Senhor e terem se libertado do pecado, já não precisam tomar nenhuma decisão em relação ao pecado — mas todo dia é dia de decidir. Diariamente nos deparamos com as encruzilhadas e escolhas entre seguir pelo caminho estreito “que conduz para a vida” ou virar para o caminho largo “que conduz para a perdição” (Mateus 7:13, 14).

CONSEQÜÊNCIAS PERMANENTES

(6:21–23)

O que nos motivará a fazer a escolha certa quando nos depararmos com encruzilhadas? Paulo desafiou seus leitores (e nós) a menosprezar todas as estradas antes de vermos o seu fim. Primeiramente, ele indagou: “Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais” (v. 21a). A palavra grega traduzida por “resultados” (*karpos*) equivale a “frutos”. A AS21 diz: “E que frutos colhestes...?”

Observemos a expressão “de que, agora, vos envergonhais”. Infelizmente, alguns cristãos não-comprometidos olham para suas vidas antigas com saudade. São como os israelitas, que olhavam com apego para o passado (veja Números 11:5), esquecendo-se da escravidão no Egito. Ele são comparáveis a um órfão retirado das ruas, que se lembra das migalhas de bolo que comia, mas se esquece de que as achava em latas de lixo. Os leitores de Paulo, felizmente, envergonhavam-se de seu passado pecaminoso.

Paulo pediu que avaliassem seriamente o resultado decorrente daquele passado vergonhoso. Aqui estão alguns dos “resultados” ou “frutos” do pecado: consciência culpada, não ser o que Deus idealizou que sejamos, inimizade de quem amamos e incapacidade de desfrutar das bênçãos que Deus quer que tenhamos. O resultado mais terrível, obviamente, é a morte espiritual. Paulo disse: “...porque o fim delas é morte” (Romanos 6:21b). “Morte” aqui não se refere à morte física, que a todos assalta (Hebreus 9:27) e, às vezes, até a bebês sem pecado. O apóstolo se referia à morte espiritual, a separação de Deus (Isaías 59:1, 2). Considerando que, neste contexto, ela está em oposição a “vida eterna” (Romanos 6:22), é evidente que Paulo pensava em “morte eterna” — ou seja, estar separado da presença de Deus por toda a eternidade (2 Tessalonicenses 1:8). O pecado promete ser amigo, mas na verdade ele é inimigo; promete liberdade, mas produz remorso e vergonha; promete vida, mas no fim produz morte²⁰.

²⁰ Adaptado de McGuigan, p. 204.

O fim da estrada do pecado é a morte (veja Mateus 7:13). O que há na outra estrada? Paulo prosseguiu: “Agora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto [resultado] para a santificação e, por fim, a vida eterna” (Romanos 6:22). À medida que o cristão trilha a estrada da justiça, ele vive a vida santificada (separada). Por isso um dos resultados é “santificação”. Acima de tudo, trilhar por essa estrada conduzirá no fim à vida (veja Mateus 7:14): “e, por fim, a vida eterna [vida com o Senhor e os remidos por toda a eternidade]” (Romanos 6:22b)!

Como poderíamos resumir as conseqüências de servir o pecado ou a Deus? O versículo 23, um dos mais conhecidos do livro, é o resumo de Paulo: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Muitas pessoas pensam que o salário do pecado consiste de prazer, popularidade e sucesso; mas Paulo disse que não é assim. “O salário do pecado é a morte” (v. 23a), a morte espiritual. A palavra traduzida por “salário” (de *opsonion*) indica o pagamento de serviços prestados. Escritores sugerem que Paulo usou novamente “a imagem militar”²¹. Barclay escreveu: “*Opsonia* era o soldo do soldado, algo que ele conquistara arriscando seu corpo e com o suor do seu rosto, algo que lhe era devido e não lhe podia ser tirado”²². O que uma pessoa *merece* por uma vida pecaminosa? Morte!

Em contraste com isso, Paulo disse que “o dom gratuito [*charisma*] de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”²³ (v. 23b). O pecado tem um salário, mas Deus tem um presente, um dom. Sublinhe a palavra “dom”. Paulo reforçou a importância da obediência neste capítulo (veja vv. 16, 17). A obediência é uma expressão da fé (1:5; 16:26). Isto significa que, crendo e obedecendo, adquirimos [compramos] ou merecemos nossa salvação? Não, absolutamente não. A salvação sempre será *um presente* — um presente da graça de Deus. Fé e obediência são simplesmente a forma determinada por Deus de aceitarmos Seu maravilhoso presente.

Pondere estes dois resultados: “morte” *versus* “vida eterna”. Qual deles você receberá um dia? Qual deles você *quer* receber? Já foi dito que você

²¹ Edwards, p. 175. Em relação à imagem militar usada antes em Romanos 6, veja os comentários sobre o v. 13 na lição “Como Viver uma Nova Vida em Cristo (6:5–14)”.

²² Barclay, p. 91.

²³ Mais uma vez Paulo afirmou que as bênçãos de Deus são e estão “em Cristo”. Se quiser, enfatize esta verdade, observando como o pecador passa a estar “em Cristo” (6:3).

é livre para escolher a quem servirá, mas, tomada a decisão, você não estará livre para escolher as consequências da sua escolha. Se não quiser a morte, se quiser de fato a vida eterna, então decida *hoje* entregar sua vida ao Senhor, em vez de ao pecado!

CONCLUSÃO

Alguns estão escravizados ao pecado, mas não o sabem; outros estão escravizados a Deus, mas não agem de conformidade com isto. Os que estão escravizados ao pecado, mas não o sabem são os que neste mundo nunca submeteram a vida ao Senhor. Se este for o seu caso, oro para que você renuncie ao pecado e aceite a graça de Deus para ficar livre do pecado (Romanos 6:3, 4, 17, 18).

A principal preocupação de Paulo no texto que estudamos era para com os que estão escravizados a Deus, mas não agem como tal. Se você é um cristão, nunca se esqueça de que você está “sob nova direção”. E, nesse caso, oro para que você aja de conformidade com isto!

NOTAS PARA PREGADORES E PROFESSORES

Quando usar este sermão, incentive os cristãos indiferentes ou inconstantes a se arrependem e voltarem para o Senhor (Apocalipse 3:15, 16, 19, 20).

Charles Swindoll deu o seguinte título para essa seção: “De quem você é escravo?”²⁴ Richard Rogers

²⁴Charles R. Swindoll, *Learning to Walk by Grace: A Study of Romans 6–11*. Fullerton, Calif.: Insight for Living, 1985, p. 6.

organizou seus pensamentos sobre esse texto usando “novo” como tema (veja 6:4): Nova Sujeição (vv. 14–18), Novos Deveres (vv. 19, 20), Novas Recomendas (vv. 21–23)²⁵.

Ao discorrer a respeito da santificação, você pode usar uma ilustração aplicável à cultura dos seus ouvintes. Pense em alguma coisa que foi “separada” para um propósito especial. Dale Hartman, um professor norte-americano, costuma explicar às crianças a palavra “santo” usando a ilustração de uma escova de dentes. Elas conseguem entender que um objeto separado para a limpeza dos dentes nunca deve ser usado para um propósito errado, como pintar um quadro.

²⁵Adaptado de Rogers, p. 93.

VERSÕES DA BÍBLIA USADAS NESTA SÉRIE

AS21 – Almeida Século 21
BJ – A Bíblia de Jerusalém
BV – A Bíblia Viva
ERAB – Edição Revista e Atualizada no Brasil
de João Ferreira de Almeida
ERC – Edição Revista e Corrigida de João
Ferreira de Almeida
KJA – King James Atualizada
NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI – Nova Versão Internacional
VFL – Versão Fácil de Ler

© Copyright 2006, by A Verdade Para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS